

UM FAZER DOCENTE: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE DESAFIOS NO ENSINO DE DANÇAS GAÚCHAS

NATHANIEL PERES MARTINS¹; MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA²;
THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS³

¹*Universidade Federal de Pelotas – nathanaelperes99@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – thiago.amorim@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Este estudo se deu no âmbito do projeto de pesquisa “Manifestações Populares Tradicionais Não Hegemônicas do e no Rio Grande do Sul: segunda etapa de estudos”, coordenado pelos professores doutores Marco Aurelio da Cruz Souza e Thiago Silva de Amorim Jesus. É realizado em parceria com o projeto de pesquisa “Mediação cultural, educação estética e processos educacionais em Arte” e pelo projeto de extensão “Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel” (NUFOLK) coordenado pelos mesmos professores. Estes projetos estão vinculados ao Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte é um Grupo de Pesquisa (UFPel/CNPq) e financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

O resumo expandido apresenta uma análise pessoal da trajetória do bolsista como professor de danças gaúchas de salão e tradicionais, que anteriormente ao ingressar na universidade, já atuava em espaços não formais de dança. Em 2022/1, ele iniciou a sua jornada no curso de Dança - Licenciatura na UFPel e, ao término do meu primeiro semestre, se juntou como bolsista ao projeto NUFOLK.

A partir daí, suas experiências na universidade e no NUFOLK têm provocado uma série de indagações sobre o ensino de dança, principalmente com as suas vivências anteriormente relacionadas a cultura do Rio Grande do Sul e as práticas pedagógicas no ensino. Portanto, o propósito deste trabalho é investigar de que forma a sua trajetória no meio acadêmico e seu envolvimento em pesquisa e extensão no NUFOLK impactam suas práticas de ensino de dança em ambientes não formais.

2. METODOLOGIA

A pesquisa adota a abordagem autoetnográfica, que conforme Fabiano Bossle e Vicente Molina Neto (2009) articula narrativas pessoais, registros de campo, observações e reflexões oriundas da prática docente. O campo investigativo abrange tanto experiências em espaços não formais, como os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), quanto às ações desenvolvidas no NUFOLK. Conforme destacam Bossle e Neto (2009), a autoetnografia pressupõe uma reflexão simultaneamente intelectual e emocional por parte do narrador, permitindo que a vivência pessoal dialogue com o contexto sociocultural mais amplo, em constante interação com referenciais teóricos.

Nesse contexto, a observação se configura como recurso fundamental, não apenas para registrar acontecimentos, mas para compreender significados

implícitos nas práticas sociais. Essa perspectiva é discutida por Marconi e Lakatos (2003, p. 190-191), que a definem como:

[...] elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo [...]. A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social.

Essa compreensão dialoga diretamente com a perspectiva autoetnográfica adotada nesta pesquisa, na medida em que a observação, além de instrumento de registro, torna-se experiência imersiva que permite ao pesquisador reconhecer, em suas próprias vivências, elementos que muitas vezes não se manifestam de forma consciente, mas que estruturam as interações e significados presentes

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A inserção do bolsista na universidade e, em especial, no projeto NUFOULK em ações de pesquisa e extensão, provocou transformações significativas em suas práticas pedagógicas, influenciando tanto a elaboração de conteúdos quanto a condução de aulas em espaços tradicionalistas. Essa vivência acadêmica tencionou métodos, abriu espaço para abordagens criativas e estimulou o diálogo com diferentes formas de aprendizagem.

Nos encontros ocorridos no NUFOULK, emergiram questionamentos fundamentais, para a sua formação de como: O que é cultura? O que são danças tradicionais? O que caracteriza uma dança estilizada? O que define as danças populares? Estes questionamentos o levaram a leitura de obras diversas, entre elas destacamos: Folclore Gaúcho: festas, bailes, música e religiosidade rural (2006), de Paixão Côrtes, e Viagem ao Rio Grande do Sul (2002), de Auguste de Saint-Hilaire, entre outras que ampliou conhecimento sobre a pluralidade cultural do Rio Grande do Sul e o aproximou de culturas historicamente invisibilizadas no estado, revelando uma diversidade muita vezes ausente dos discursos hegemônicos na identidade gaúcha.

Entre essas experiências, destacamos o contato com o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul/RS, manifestação que o bolsista ficou como pesquisador de 2023 até 2025, e tivemos o privilégio em fevereiro de 2024 de realizar uma pesquisa de campo que incluiu diálogo direto com coordenador, Diogo Silveira e comunidade encruzilhadense, resultando num capítulo publicado no e-book: “Danças, folguedos e outras tradições culturais não-hegemônicas do Rio Grande do Sul na contemporaneidade”, publicado pela editora Anda no ano de 2025, levando a cultura do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul/RS para o Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA).

Essa vivência não apenas ampliou seu repertório cultural, mas também lhe colocou diante de outros contextos e narrativas do estado, reforçando a importância de respeitar, valorizar e dar visibilidade a expressões culturais que resistem e se reinventam, mesmo fora dos espaços de maior reconhecimento institucional.

As participações durante a graduação foram diversas e abrangentes, proporcionando contato com estilos de dança que até então não faziam parte do seu repertório e ampliando significativamente sua capacidade criativa. Essa

imersão, somada às pesquisas e vivências no NUFOLK, direcionou suas escolhas temáticas nos estágios supervisionados, sempre com foco na cultura popular do Rio Grande do Sul.

Nos Anos Iniciais, ele desenvolveu o projeto “Corpo Vivo: Explorando Consciências através da Dança e Educação Somática”, voltado ao desenvolvimento corporal individual e coletivo e à articulação da prática da dança com a dimensão social. Nos Anos Finais, conduziu o projeto “Cultura Popular: Movimentos que Transformam o Saber”, inspirado nas experiências do NUFOLK e nas vivências nos CTGs, integrando saberes populares ao ambiente escolar e promovendo o reconhecimento da cultura do estado. Já no Ensino Médio, trabalhou com “Ritmo e Movimento: Uma Jornada Através da Expressão Corporal”, explorando a percussão corporal como recurso para aprimorar ritmo, coordenação, consciência corporal e expressão artística.

Essas vivências reverberaram diretamente em sua atuação em espaços não formais de ensino, neste caso específico nos CTGs. Ele passou a incorporar práticas diferentes do ensino tradicional, como o uso de balões (figura 1) para trabalhar concentração e condução, cabos de vassoura para explorar ritmo e coordenação, giz de cera para criar marcações visuais que facilitam a compreensão dos passos, dinâmicas com cadeiras para desenvolver deslocamentos e consciência espacial, vendas aos olhos (figura 2) para trabalhar a percepção da condução e confiança. Esses recursos resultam de processos de reflexão e experimentação construídos coletivamente na universidade, demonstrando que a prática pedagógica se renova quando fundamentada em discussões críticas e colaborativas.



Figura 1: Prática: “condução pelo balão”
Fonte: Acervo pessoal do autor



Figura 2: Prática: “Percepção da condução”
Fonte: Acervo pessoal do autor

A aplicação dessas propostas em CTGs revelou um duplo movimento: de um lado, o engajamento e entusiasmo dos participantes, que viam a diversidade como fator motivador; de outro, questionamentos sobre a pertinência dessas dinâmicas para o ensino. Essa tensão, longe de ser um obstáculo, se mostrou produtiva abrindo caminho para a construção de novas compreensões sobre o aprendizado e a tradição. Com a continuidade das práticas, observou-se melhora

no desempenho técnico, na resistência, na musicalidade e no prazer de dançar, levando muitos participantes a valorizar propostas inovadoras.

Os resultados indicam que a docência em dança, quando fundamentada em uma perspectiva crítica e criativa, atua como ferramenta tanto de preservação quanto de atualização cultural. A inovação metodológica, longe de descaracterizar a tradição, pode fortalecer-la ao torná-la mais permeável a novos públicos e formas de vivência. Como destacou Paixão Côrtes, em entrevista com Naira Hofmeister (2014): “o tradicionalismo progride, se atualiza. A modernidade da vida lhe obriga a tornar novas atitudes em razão da tecnologia, do avanço”. Essa visão sustenta a necessidade de que professores de dança mantenham-se em constante busca por novas possibilidades pedagógicas, construindo pontes entre saberes populares e acadêmicos para manter as práticas vivas, relevantes e socialmente inclusivas.

4. CONCLUSÕES

A experiência relatada evidencia que a inserção universitária, aliada ao envolvimento em pesquisa e extensão do NUFOULK, foi determinante para ampliar o repertório cultural e pedagógico do estudante, tensionando concepções prévias sobre o ensino de danças. A abordagem autoetnográfica permitiu que o diálogo entre vivência pessoal e reflexão teórica produzisse uma compreensão mais complexa da tradição, revelando que ela é dinâmica, plural e permeável a novos olhares.

O contato com culturas não hegemônicas do estado, reafirmou a importância de valorizar manifestações que compõem o mosaico cultural do Rio Grande do Sul. As experiências de estágio evidenciaram que contextos diversos exigem estratégias igualmente diversas, integrando saberes populares e práticas pedagógicas criativas.

Já as práticas em CTGs, apesar de resistências de alguns participantes, mostraram que a tradição pode se fortalecer pela inovação, desde que em diálogo com seus fundamentos, promovendo espaços de aprendizagem inclusivos e garantindo a atualização viva dessas expressões.

Assim, reafirma-se que a docência em dança, quando pautada por uma postura crítica, reflexiva e aberta à diversidade, torna-se um campo fértil para o encontro entre o popular e o acadêmico, entre o tradicional e as novas possibilidades, assim construindo pontes que mantêm a cultura em constante movimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSLE, Fabiano; NETO, Manoel José Gomes Tubino. **Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em Educação Física**. Movimento, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 169-188, 2009.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

HOFMEISTER, Naira. CONVERSA DE BORDO: Paixão Côrtes defende que o tradicionalismo deve se atualizar. Na Janela: O homem que inventou o gaúcho, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. [xx-yy], mar. 2014.